



MÃE, Valter Hugo. *Homens imprudentemente poéticos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016. 192 p.

HOMENS IMPRUDENTEMENTE POÉTICOS

Ana Cecília da Silva Marques¹

Marcelo de Mello²

“A menina, habitante sobretudo dos sonhos, disse: havíamos de ter um jardim seco. Um de pedras que fizesse o ondulado do mar. Tão bem alinhado que fosse um desenho perfeito por onde poderíamos percorrer os dedos. A criada perguntou: seco. A cega respondeu: teríamos sempre lágrimas para o molhar. E sorriu” (VALTER HUGO MÃE, 2016, p. 39).

Publicado em outubro de 2016, o livro *“Homens imprudentemente poéticos”*, do autor português Valter Hugo Mãe (pseudônimo de Valter Hugo Lemos), proporciona uma leitura suave que evidencia elementos da vida e da morte.

Em 2007, Hugo Mãe atingiu reconhecimento público ao receber o Prêmio Literário José Saramago, pelo seu romance *“o remorso de baltazar serapião”*, considerado um verdadeiro tsunami literário. Em 2012, o autor foi agraciado com o Grande Prêmio Portugal Telecom de Melhor Livro do Ano e o Prêmio Portugal Telecom de Melhor Romance do Ano, com o livro *“a máquina de fazer espanhóis”*. Além de romancista premiado, Hugo Mãe é editor, artista plástico, apresentador de programa televisivo e vocalista/letrista da banda Governo.

Como escritor, Hugo Mãe utiliza uma linguagem simples e acessível. Em seu livro, *“Homens imprudentemente poéticos”*, oferece-nos uma leitura reflexiva acerca da nossa própria existência. Baseado na delicada e milenar cultura japonesa, que fascina os portugueses desde a descoberta do continente asiático por Portugal, em 1543, seu romance traz como pano de fundo a floresta dos suicidas, localizada no sopé do Monte Fuji, montanha símbolo do Japão. Em uma narrativa não convencional, dividida em quatro partes e arquitetada em meio à natureza e a simplicidade, os personagens abandonam suas sombras e buscam a luz presente em dimensões obscurecidas de vidas não compartilhadas.

¹ Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/Geografia). Discente do curso de licenciatura em Geografia, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas (CCSEH). Goiás. Brasil. E-mail: ana-cecilia-marques@hotmail.com

² Doutor em Geografia. Professor e pesquisador do PPPG –TECCER/UEG e do curso Geografia do CCSEH da Universidade Estadual de Goiás. Goiás. Brasil. E-mail: ueg.marcelo@gmail.com

A primeira parte do livro, *“A origem do sol”*, traz como protagonistas o artesão Itaro e o oleiro Saburo, personagens que no decorrer do romance alimentam sentimentos recíprocos de ódio e afeição. A envolvente narrativa apresenta como cenário privilegiado um vilarejo da província de Quioto, no Japão, onde vive o artesão Itaro, em companhia de sua criada Kame e de sua irmã cega Matsu. Movido por um dom que lhe permite ver o futuro através da morte de animais, Itaro começa a matar os bichos, não por fome, mas por ambição. Preocupado, seu pai o adverte sobre os riscos de uma euforia alimentada e mediada pela morte. Segundo o genitor, ele estaria percorrendo um caminho que poderia levá-lo ao suicídio. Um dia, ao matar um besouro, o artesão teve uma visão do futuro que guardou para si: ficaria cego.

Em meio à escuridão, sua irmã Matsu tem a prece como companheira. Ela dialoga com o mundo por meio da imaginação e sempre pede ao irmão que expresse um sentimento fundamental: a gratidão. Todavia, homem bruto, o artesão tolera a delicadeza da irmã com muito custo, pois a morbidez exigida para o exercício de seu dom o tornou áspero e violento. Já a criada, senhora Kame, considerada longínqua pelos vizinhos, trata Matsu como filha, sua pequena Musumé. “Passava os dias gritando: musumé, onde estás. E a menina cega respondia: no teu coração. E a criada insistia: e mais onde. E a menina cega respondia: aqui, junto à pedra” (p. 28). Kame, mesmo vivendo em condições de miséria, mantém-se fiel e digna de tratos cordiais. Quando Matsu era bebê, seus pais decidiram afogá-la, libertando-a de seu corpo antes que desenvolvesse algum tipo de consciência. Mas tomado por um sentimento de afeto e candura pela irmã, Itaro impediu-lhes, tornando-se um segundo pai para a irmã.

O oleiro Saburo e sua esposa, a senhora Fuyu, são vizinhos do artesão e cuidam de um belo jardim, ao pé da montanha. Contudo, o trabalho desenvolvido pelo casal é visto pelos aldeões como uma grotesca ofensa à natureza. Muitos moradores da região diziam que honoráveis homens, ao adentrarem no jardim florido de Saburo, deixavam ali suas ideias suicidas; enquanto outros se mantinham fiéis à busca espiritual e continuavam subindo a montanha, levando consigo poucos pertences. Durante a caminhada, estes últimos amarravam cordames que traçavam o caminho de volta, caso desejassem retornar.

Nesse caso, desciam a montanha e pediam arroz e água fresca para os aldeões. Contudo, muitos finalizavam a jornada enforcando-se nas altas árvores.

Por três vezes, Itaro advertiu seu vizinho sobre a morte da senhora Fuyu, mas foi ignorado. Ocorreu que, certa noite, a esposa do oleiro encontrou a morte ao ser atacada por um animal imaterial dentro de casa. Restou, a Saburo, um quimono vazio de corpo, mas marcado pela presença da alma de sua amada. “Uns dias mais tarde, ainda incapaz de se dirigir às flores, o oleiro pendurou o quimono da mulher no espantalho do seu quintal. Espantava ali a imitar-lhe a companhia. Dizia: imita ver os pássaros” (p. 34).

Quanto ao artesão, é possível afirmar que se encontrava cansado e apático. Itaro perdia aos poucos a alegria de cuidar de sua pequena família. Introspectivo e recluso ao seu trabalho, o artesão fecha-se em seus pensamentos. Na verdade, mentia à natureza, pois em cada pintura leve e delicada, esboçada em seus leques, só enxergava um esgotar de vida. “Por vezes, a quem lhe perguntasse que ofício tinha, o artesão respondia: minto às flores. Podia dizer que mentia aos pássaros. Podia dizer que mentia. Era um homem a esconder a verdade” (p. 65). Logo, o artesão decide entregar sua irmã a um comerciante. Assim, no cotovelo do riacho, junto às pedras, Itaro senta a irmã e afasta-se em silêncio. A jovem põe-se a chamar pelo irmão quando sente a presença de um estranho, que a cumprimenta pelo nome e a leva embora para sempre.

Na segunda parte do livro, *“O homem interior a todos os homens”*, é narrada a trajetória do artesão em busca de reconciliação consigo mesmo. Sua jornada inicia-se com a chegada à vila, para cerimoniar os suicidas que se acostumavam com a floresta do homem sábio: um ser imaterial, de vestes simples, consciência pura e de alma livre. Para os que o conheciam, era como se o homem fosse nada, sendo, entretanto, muitíssimo. O sábio, devotando atenção ao jardim de Saburo, repreende sua candura, pois estava errado o oleiro em adornar o toco intuitivo da floresta.

Como de costume, Itaro dirige-se ao santuário para vender seus leques. Por três dias seguidos retorna ao lar sem êxito, como se sua arte tão útil tivesse ficado invisível. Certo dia, ao voltar para casa, depois de cumprir a tarefa de colher as melhores canas, o artesão encontra um homem. Ao se aproximar, identifica seu falecido pai. O genitor estava tomado

de agressividade e fúria. Ao chegar em casa, pergunta a criada se havia tomado uma atitude sensata em relação ao destino de Matsu.

Diante da situação de miséria existencial apresentada pelo artesão, assombrado pelo próprio pai, a criada sugeriu que Itaro recorra ao monge. Antes de ir ao encontro do monge, o artesão procura Saburo. Entretanto, este mantém o ódio pelo vizinho, dizendo-lhe que haverá de se condenar por si próprio.

O monge recebe Itaro, que aceita as punições impostas. O artesão passará sete sóis e sete luas recluso no fundo de um poço. Itaro desceu ao fundo do poço auxiliado por quatro homens. Levou consigo somente um pouco de arroz. E, durante sete sóis e sete luas, permaneceu nesse buraco escuro e estreito, com altura de dez homens. Itaro sentiu-se um homem pequeno, indefeso e sem perspectivas. Recordou de suas impressões quanto à cegueira de Matsu e percebeu que a escuridão não era uma imensidão como pensava. Na verdade, assumiu a escuridão como realidade contida. Começou a sentir tudo que o rodeava naquele pequeno espaço e percebeu que a presença enfurecida de seu pai o abandonara. À noite, um animal feroz e faminto rodeou o poço, escorregou e caiu. A fera ali permaneceu e tornou-se amigável, não atacando o artesão que tinha sido proibido pelo monge de matar. Ele acabou afeiçoando-se ao animal.

Todos os dias, a criada Kame e outras pessoas desciam um pouco de arroz para alimentar o artesão e a fera desconhecida. Entretanto, à noite eles eram visitados por Saburo, que lhes atirava pedras pontiagudas a fim de matá-los. Ao contar para a criada o que acontecia, ela disse que Saburo não poderia ter feito tal coisa, pois mantinha-se ocupado reconstruindo seu jardim.

Ao ser resgatado, Itaro segurou fortemente o animal para que fossem puxados juntos. Em solo firme, percebeu que a fera havia sumido. O monge explicou que seus medos ficaram no fundo do poço. Assim, o artesão compreendeu que estava pronto para seguir em frente e aceitar a cegueira: ele enxergará no interior da escuridão.

Dentro de um contexto lírico e poético, a terceira parte do livro, *“A fúria de cada deus”*, traz como tema a felicidade, a partir do encontro de Matsu com o comerciante. Ao se sentir incapaz de cuidar de sua pequena família, Itaro deixou sua irmã em um local previamente combinado, entregando-a ao comerciante. Abandonada no riacho, Matsu

percebeu que o desconhecido que lhe dirigiu a palavra era um homem educado e gentil. A menina logo se recordou dos ensinamentos ofertados pela criada, Kame, sobre como se portar para agradar. Ela, então, endireitou a coluna e abaixou o rosto de forma tímida. O desconhecido discorreu sobre os peixes falantes, das águas do lago Biwa, ofereceu-lhe algo de comer e lhe tomou as mãos de forma suave, para que juntos iniciassem a caminhada rumo ao novo lar. Feliz com a primeira impressão acerca de seu destino, Matsu conteve suas lágrimas na tentativa de sentir-se mais perto de algo novo, do que totalmente longe de casa. Percorrido o caminho, a menina agradeceu o irmão, por lhe oferecer não uma eterna nostalgia, mas um delicado amor.

O romance desfecha-se em sua quarta e última parte, “*A síndrome de Itaro*”, com a busca do artesão por redenção. Itaro passou a pintar de forma a eternizar a natureza. Obstinado, considerava que sua visão e suas mãos portavam missões divinas, que visavam reverenciar os deuses através de pedidos de perdão, como dizia Matsu. Tomado por um desejo de apoderar-se das imagens, o artesão decide não mais vender os leques. Itaro passou a pintar como se olhasse para a eternidade e a criada dizia que as novas obras continham mensagens a serem decifradas. O artesão sentiu, pela primeira vez, o amor de mãe oferecido por Kame. Assim, ele assume a busca incessante pela produção de um leque que representasse, de forma única, a perfeição. Enfim, concluiu a pintura que trazia a imagem das águas do lago Biwa, com a presença do rosto de Matsu. Itaro chora de alegria, perdoando-se finalmente. O artesão chama a criada e ambos choram e alegram-se ao mesmo tempo, pois essa era, enfim, a mensagem esperada: a menina estava viva e bem. Ao anoitecer, o artesão fura os olhos libertando-se da agonia da criação. De agora em diante estaria livre para caçar ideias e não imagens. Cego, Itaro agora enxergava em todas as direções.

Calmamente, certa tarde o artesão sente o oleiro aproximando-se e, numa trégua da vida, ambos põem-se a conversar como *homens imprudentemente poéticos*. A criada Kame aproxima-se e fala sobre o sábio que, por fim, finalizou sua jornada e retornou à natureza. Seguem-se os dias no pequeno vilarejo: o oleiro, num universo em que dialogam candura, delicadeza e solidão; o artesão, entregue a arte da mendicância, como os mendigos teatrais.

A obra, *“Homens imprudentemente poéticos”*, conduz o leitor a um longínquo Japão, no qual personagens vivem em meio à simplicidade, aprendendo a dialogar com as imagens e os sentidos do mundo. No livro, ideias de vida, morte, luz e escuridão assumem lugar de destaque. Os olhos da menina Matsu revelam as possibilidades presentes em um mundo que está para além das coisas:

Para Matsu as montanhas podiam fazer promontórios que se suspendessem sobre as aldeias. Braços de pedra que se levantavam entre as nuvens e sombreavam as aldeias. Explicavam-lhe que os cumes demoravam estações inteiras, podiam caminhar primaveras completas para lhes chegar ao cimo, e talvez nem chegassem, porque os homens faziam outra vida diferente da de poder voar. Mas a jovem imaginava o que ouvia segundo o seu próprio tremendismo, por isso julgava que o lugar mais alto das montanhas era uma extremidade de pedra que se alcandorava, coisa de conflitar com as nuvens e os pássaros maiores. Diferente de serem os homens voadores, ela inventava que seriam as montanhas terras capazes de pairar (p. 36).